

A MEDICINA NA GRÉCIA

THE MEDICINE IN GREECE

Rodolfo Fagionato*, Melka Franco Guimarães**, Naiá Dantas Carvalho**,
Rafael Leônidas C. Abreu**, Vângelis Basílio Rebelo**

RESUMO: Sabe-se muito sobre a história e cultura gregas, nada melhor sabermos um pouco mais também sobre a Medicina na antiga Grécia. Não há dúvidas de que herdamos um grande conhecimento médico dos gregos, até porque o Pai da Medicina foi Hipócrates. Muitas teorias sobre saúde e doença surgiram durante o crescimento do conhecimento médico na Grécia, e muitos médicos e filósofos entraram em conflito sobre seus conhecimentos, como, por exemplo, o dos quatro humores. Saber da saúde e da doença sempre foi importante para as pessoas, e era por isso que médicos expunham seus conhecimentos aos leigos, tentavam não só curá-los, mas também ensiná-los a se tratar e evitar doenças. Neste trabalho descreveremos os pontos mais importantes a respeito da antiga Medicina grega.

ABSTRACT: We have know a lot about Greece historian and culture, nothing better know a little more also about the Medicine in ancient Greec. There is no doubt that we inherited a great medical knowledge of the Greeks, up to because the father of the Medicine was Hipocrates. Many theories about health and disease have emerged during the growth of the medical knowledge in Greece, many doctors and philosophers clashed on his knowledge, for example, the four humours. Knowledge of the health and of the disease has always been important to people, and it was therefore which doctors were exposing his knowledges to the laymen, they were not only trying to cure them, but also teach them to treat and prevent diseases. This work describes the most important points about the ancient Greek Medicine.

INTRODUÇÃO

Como se sabe, a Grécia deixou muitos conhecimentos culturais e históricos para a população atual; não menos importante, deixou também muitas teorias a respeito da saúde e da doença e a sua relação com a natureza. Na falta de conhecimentos mais aprofundados e de técnicas de análise para diagnósticos de doenças, ficava difícil para os gregos se aprofundarem na tentativa de achar uma cura para as doenças, e era por isso que eles utilizavam a técnica do experimento em que manipulavam vários medicamentos até que achassem um que servia para a cura.

Neste trabalho serão apresentados os diversos conhecimentos da época a respeito da Medicina, como os filósofos, os médicos e como as pes-

soas se comportavam diante de uma doença, e também a evolução do médico como uma especialização, como era visto pela população e se tinha reconhecimento para a época.

1. GRÉCIA ANTIGA

Costuma-se dividir didaticamente a história da Grécia em quatro períodos. Inicialmente, dos séculos 20 a 12 a.C., foi denominado de Pré-homérico, onde ocorreu a invasão dos povos arianos através da península balcânica, dessa forma povoando aquela região. Aqueus, jônios, eólios e dórios chegaram à região grega em sucessivas vagas de ocupação fundando, dentre várias cidades, Trinto e Micenas. Logo após, entraram em contato com os habitantes de Creta, surgindo a

* Mestre e professor substituto da disciplina História da Medicina da Faculdade de Medicina da Ufam.

** Acadêmicos do curso de Medicina da Ufam.

civilização creto-micênica. Por volta de 1700 a.C., contudo, ocorreu um enorme crescimento populacional, iniciando uma expansão marítima e entrando em choque com a talassocracia cretense, da qual Creta saiu, com sua maior cidade, Cnossos, destruída.

A expansão micênica continuou pelo mar Egeu, como conta a obra *Iliada*, de Homero, até a chegada dos dórios os quais arrasam Micenas provocando a primeira diáspora grega em direção à Ásia Menor. As populações que passaram a viver ainda na Grécia, mesmo isoladamente, formaram grupos familiares chamados de genos, finalizando esse período.

A partir daquele momento, dos séculos 12 a 8 a.C., chamado de período Homérico, ocorreu uma continuidade dos genos, uma primitiva unidade econômica, social, política e religiosa dos gregos, onde toda família vivia sob autoridade do *pater-famílias*, patriarca; os bens de produção e o trabalho eram coletivos.

Nos fins desse período, famílias cresciam, mas a produção agrícola não acompanhava o mesmo ritmo, em função da falta de terras férteis e de técnicas de produção mais avançadas. Iniciou-se uma desintegração das comunidades gentílicas, onde os *patres* favoreciam territorialmente seus parentes mais próximos, eupátridas.

Os eupátridas monopolizavam o poder político, organizando-se em grupos chamados de fratrias que futuramente originariam cidades-Estados chamadas de *poleis*.

Já no período Arcaico, entre os séculos 8 a 6 a.C., teve início uma expansão, segunda diáspora grega, que culminou com a ocupação e colonização de várias regiões da bacia do Mediterrâneo, por causa da desintegração dos genos, o crescimento da população, a busca de oportunidades e o desenvolvimento da navegação. Nesse período, Atenas e Esparta ganharam bastante importância graças às suas influências regionais.

Esparta surgiu na planície da Lacônia, na península do Peloponeso. Esta cidade-Estado não diferia muito das outras gregas, ou seja, oligárquica, militarista e escravocrata. O afluxo de

uma grande quantidade de escravos, propriedade estatal, foi motivado pelas conquistas da vizinhança, gerando um problema vital em Esparta: conservar a proporção entre o número de espartiatas e o de hilotas, escravos. Por isso, sua educação era baseada no laconismo e na xenofobia, a fim de evitar ideias inovadoras, consideradas subversivas para o sistema espartano.

Atenas surgiu na Ática, uma península grega que se estende pelo mar Egeu. Fundada por arianos, possuía um excelente porto natural, mas não muitas terras aráveis. Dessa forma, Atenas se voltou mais para o comércio, a qual se tornou um grande centro no Mediterrâneo. Comerciantes e industriais, não-eupátridas, começaram a emancipar-se, iniciando uma oposição ao regime oligárquico, acarretando uma crise em Atenas.

A fim de solucionar essa crise, foi estabelecido padrão monetário fixo, promovido um sistema de participação política com base na riqueza do indivíduo, estimulado o comércio e a indústria e abolido a escravidão por dívidas.

Mesmo assim, não se conseguiu contentar todas as reivindicações populares nem atender a conservadora aristocracia; por fim, se implantou a democracia efetiva para os cidadãos, o que incluía direitos políticos a eles, ou seja, participação política direta no governo. Isso significou o início da consolidação de Atenas dentro da Hélade.

Baseado nessa consolidação ateniense na Hélade e no domínio espartano no Peloponeso, iniciou-se, entre os séculos 5 e 4 a.C., o período Clássico, caracterizado pela disputa da supremacia das polis sobre toda a Grécia. Essa fase foi marcada pelas hegemonias e imperialismos no mundo grego, que acabaram em uma guerra fratricida entre os próprios gregos, culminado em sua decadência.

Esse imperialismo foi iniciado por Atenas, depois de ter alcançado prestígio com a vitória nas guerras médicas sobre a Pérsia, obrigaram os Estados membros da Confederação de Delos a pagarem impostos, mesmo com o fim dos conflitos, pois Atenas passava por uma crise econômica e social gerada pela guerra. Era o início da hegemonia ateniense e esplendor sobre a Hélade.

Atenas, contudo, desrespeitava o princípio da soberania das cidades e passou a criar uma série de inimigos. Essas cidades marginalizadas ligaram-se a Esparta e fundaram a Liga do Peloponeso, hostil à Confederação de Delos. Em 431 a.C. Atenas tentou se apropriar de uma colônia de Esparta, isso culminou com a Guerra do Peloponeso que durariam 27 anos, deixando exaurida a Grécia.

Apesar da decadência grega, sua cultura se perpetuou influenciando outros impérios antigos e civilizações contemporâneas. A filosofia, por exemplo, foi um dos pontos mais importantes do qual se perpetuou na Grécia, pois influenciou muitos ramos profissionais, até os dias atuais, inclusive na Medicina, já que muitos filósofos, por empirismo, acreditavam que algumas das enfermidades eram meramente psicológicas.

2. A FILOSOFIA GREGA NA MEDICINA

Os filósofos gregos foram os fundadores da ciência ocidental. Esse fato está diretamente relacionado à Medicina grega e à própria Medicina ocidental como sua herdeira.

A ciência nasce da tentativa de explicar as coisas da natureza nela própria, sem o intermédio do mito. O pensamento racional se inicia, então, tendo a *physis*, ou seja, aquilo que surge de si mesmo, como modelo para explicar a “origem, ordem e transformações da Natureza”.

Para entender melhor a influência do pensamento grego no surgimento da Medicina é preciso, antes, abordar o surgimento de alguns conceitos sobre os quais a Medicina hipocrática se sustenta.

A Medicina se separa da filosofia como ciência no século 4 a.C. Enquanto isso, as discussões filosóficas dos períodos pré-socrático e socrático, períodos que abrangem o intervalo de tempo entre o amadurecimento do pensamento racional e o desmembramento da Medicina, são fundamentais para os conceitos médicos gregos.

O período pré-socrático, também denominado cosmológico, ocorre entre o final do século 7

e o final do século 5 a.C. Os filósofos desse período encontram diferentes *physis* e dão diferentes razões para que estas sejam o elemento primordial, eterno e imutável que está na origem das coisas. Os debates pré-socráticos são também fundamentais para o surgimento do pensamento crítico por meio da discussão de diversos pontos e opiniões sobre os assuntos.

O elemento formador da natureza se encontra na própria natureza; dessa forma, para Tales de Mileto (640 a.C.), a *physis* era a água. Para Anaximandro (555 a.C.), esta se encontrava no ilimitado, e para Anaxímenes (535 a.C.), no ar. Já no século 5, Heráclito diz que esta era o fogo e Empédocles a água, o ar, a terra e o fogo. Dessas diferentes *physis* surge a divisão dos elementos terra e sólido, água e líquido, ar e gás, fogo e energia que fará parte de teorias médicas.

O período socrático ou antropológico ocorre do final do século 5 até o final do século 4 a.C., e nesse período os filósofos se ocupam com as questões humanas, com a ética, a política e as técnicas, como a Medicina. Para Sócrates, a filosofia tem um fim prático e moral sendo a ciência que resolve o problema da vida. E nesse período a filosofia parte do conhecimento empírico para alcançar o intelectual, que é imutável.

Durante a racionalização do pensamento, a doença passa a ser vista como resultado do desequilíbrio da natureza e separada dos fenômenos sobrenaturais. A *physis* entra na Medicina estabelecendo a dinâmica da existência e da essência (entre se algo é ou não é e o que é), que ocorre entre a doença e o corpo. Nisso, a saúde surge como um equilíbrio entre as forças opostas (úmido e seco, por exemplo) e a doença do domínio de uma força sobre a outra. O corpo humano, e tudo à sua volta, era, dessa forma, compreendido entre esses elementos (as diversas *physis*).

A Medicina, já na época dos gregos, estava definida como especialização social, e no final do século 5, era conhecida e íntima do pensamento helênico.¹

Os gregos, que sempre foram politeístas e extremamente religiosos, começaram a diminuir

a influência dos deuses em seus diagnósticos e curas, não pondo mais a responsabilidade de um erro ou acerto em vontades divinas.¹

Já se começavam a produzir textos a fim de suprir leitores leigos e os não-leigos, sendo estes os médicos da sociedade. Os médicos, para reforçar seu valor diante da população, começaram a expor suas ideias em relação à saúde e à doença em forma de conferência e discurso preparado.¹

Havia uma escola para médicos na Grécia, a Escola de Cós, onde médicos e filósofos se encontravam e discutiam sobre a Medicina; às vezes os filósofos concordavam com os médicos, mas às vezes havia séria discordância, como no caso em que a saúde e a doença são o resultado do equilíbrio ou desequilíbrio dos quatro humores dos quais éramos feitos: sangue, fleuma, bílis amarela e bílis preta. Hipócrates, que era reconhecido como grande médico, discordava desse pensamento; para ele, o nosso corpo é feito de muito mais substâncias do que apenas quatro. Segundo Hipócrates, a saúde e a doença são resultados de todas as forças que atuam sobre os organismos, e havendo um desequilíbrio oposto de uma dessas forças resultaria em doença.¹

Se pararmos para analisar essas afirmações, veremos que os gregos têm crédito por terem pensado isso há muito tempo, quando não havia recursos tecnológicos para pesquisas, tirando suas conclusões e teorias apenas da observação da natureza. Hoje, sabemos que realmente a nossa saúde depende de um equilíbrio complexo entre os líquidos e substâncias corporais, por exemplo: para se fazer um diagnóstico de uma infecção, analisa-se o sangue e verifica-se se os diferentes constituintes estão de acordo com o considerado normal para o organismo; se não estiver, significa que há um desequilíbrio entre essas substâncias e que estamos doentes, afirmando assim, de um modo generalizado, a teoria de Hipócrates sobre o equilíbrio de forças.¹

A tendência do pensamento grego em agrupar em classificações gerais o conjunto e ordenar em grupos ficou exemplificado no livro *Das Doenças Sagradas*, de autor desconhecido. O livro estu-

dava as manifestações patológicas das doenças que causavam alterações no comportamento, quase como quadros clínicos e sintomas das patologias.¹

A Medicina grega já tinha o conhecimento do problema da multiplicidade das doenças e a possibilidade de teorizar e numerar para estabelecer o número exato dos tipos patológicos. Foram elaboradas normas para a conservação da saúde do homem. As práticas do esporte, da música e do lazer foram vinculadas como formas de tratamento.¹

No livro *Das Epidemias*, produzido pela Escola de Cós, a arte do médico consiste em eliminar o que causa dor e em sarar o homem, afastando o que o faz sofrer. Quando a natureza falha nessa missão, o médico é aquele que irá intermediar na cura. A ação médica é associada com as recomendações da qualidade e quantidade da dieta, da prática de esportes e de atividades culturais. Segundo os conceitos platônicos, o médico e o filósofo teriam a mesma função no tratamento da alma do homem, sempre na busca da harmonia plena do homem.¹

Com o aparecimento da literatura médica, normas que devem ser obedecidas para a conservação da saúde foram estabelecidas. A manutenção da saúde ocorreria pela dieta adequada, pelo exercício físico contínuo e pela higiene do corpo. Os médicos passaram a atuar também no homem com objetivo educativo e profilático.¹

Os hospitais construídos nesse período, como o de Epidauro, eram grandes e tinham múltiplas divisões destinadas a diferentes atividades dos médicos. Havia salas de exame, alojamentos individuais para os doentes, salas de banho coletivo, praça de esportes e anfiteatro para apresentações de teatro e música.¹

Houve críticas a essas tentativas de intervenção no modo de vida das pessoas. Platão e Aristóteles diziam que havia muita gente que, embora gozasse de saúde, não poderia se considerar feliz, pois mantinham a força porque se privavam das coisas agradáveis.¹

A Medicina e a filosofia gregas, entre os séculos 5 e 3, estabeleceram um sistema ordenado

com o objetivo de melhorar a saúde coletiva, pelo menos entre os homens livres e desenvolveram a compreensão do papel social do médico como agente na busca da saúde.¹

3. A MEDICINA E A MITOLOGIA GREGA

A mitologia grega influenciou a prática médica no Ocidente durante mais de vinte séculos depois da sua elaboração. A compreensão da Medicina, como sendo de natureza sagrada, não foi diferente da babilônica e da grega. As relações médicas com as ideias e crenças religiosas se perderam no tempo.¹

De acordo com a mitologia grega, a Medicina começou com Apolo, filho da união de Zeus com Leto. Nos primeiros tempos, ele era considerado como o deus protetor dos guerreiros. Posteriormente, foi identificado como Aplous, aquele que fala a verdade. Apolo atuava purificando a alma por meio das lavagens e aspersões do corpo com remédios curativos.¹ Apolo era conhecido como o deus da cura e das doenças. Pai de Asclépio ou Esculápio, era venerado junto com este em grandes templos-hospitais, onde se curavam várias doenças.⁶

Asclépio, filho de Apolo e da ninfa Coronis, teria sido educado pelo centauro Quirão para ser médico.¹ Zangado porque Coronis era infiel a ele, Apolo matou-a e arrancou o nascituro Asclépio de seu ventre.⁸ O fato de Apolo ter tirado o filho do ventre da mãe no momento em que esta se encontrava na pira funerária, confere-lhe o simbolismo de deus da Medicina logo à nascença: a vitória da vida sobre a morte.⁷ A escolha de Quirão para dirigir a educação de Asclépio foi feita porque o centauro dominava o completo conhecimento da música, magia, adivinhações, astronomia e da Medicina. Além dessas habilidades, possuía incomparável destreza e manejava com a mesma habilidade o bisturi e a lira. Foi o primeiro que plantou, na Tessália, plantas medicinais e a primeira delas foi a denominada *Gentiana centaurium*.¹

Asclépio conquistou fama inimaginável, tinha delicadeza do tocador de harpa e a habilidade

agressiva do cirurgião. Todos os doentes, que não obtinham cura em outros lugares, procuravam os serviços de Asclépio. Mais cirurgião que médico, ele criou as tiras, as ligaduras e as tentas para drenar as feridas. Chegou a ressuscitar mortos e, por essa razão, Zeus o matou com o auxílio do raio mortal dos Ciclopes.¹ Zeus temia que Asclépio pudesse ser uma ameaça à ordem natural das coisas.⁸

O deus da Medicina era celebrado em grandes festas públicas, em torno do dia 18 de outubro.¹ E o culto que lhe era prestado não só tinha um fim religioso, mas também terapêutico. Os santuários, dos quais o mais célebre foi Epidauro, eram instalados fora das cidades, em zonas escolhidas pela sua salubridade. Os sacerdotes transmitiam os segredos da cura de pai para filho. Um dos mais ilustres teria sido Hipócrates, que se dizia ser aparentado com o deus. Os doentes, que afluíam de todas as partes do mundo antigo e que pertenciam a todos os grupos sociais, eram alojados nas dependências do templo e, durante o seu sonho, reviam o deus, que lhes revelava o remédio para os seus males.¹⁰ Seus segredos na arte da Medicina eram preservados nas ilhas gregas de Cós e Kithnos por sacerdotes.⁹ Em várias esculturas procedentes de templos de Asclépio greco-romanos, o deus da Medicina é sempre representado segurando um bastão com uma serpente em volta, o qual se tornou o símbolo da Medicina.¹¹

A certa altura da sua vida casou com a filha do rei de Cós, Epíone, que lhe deu dois filhos e cinco filhas. Os rapazes, Macáon e Podalírio, herdaram do seu pai o poder de curar. Fizeram-no, por exemplo, no decorrer da guerra de Troia, da qual participaram como médicos das tropas gregas. Macáon cuidou de Télefo e de Menelau e operou Filoctetes. As filhas de Asclépio também o ajudaram na sua função, particularmente Hígia, deusa da Medicina, e Panaceia, que personifica a cura de todos os males por meio das plantas.¹⁰

Muitos achados arqueológicos de agradecimentos a dádivas atribuídas pelos próprios doentes, que se consideravam curados pelo poder de Asclépio, foram encontrados. Várias escrituras contendo nomes dos doentes, as descrições das

doenças e curas obtidas.¹ A maior parte das escrituras, porém, refere-se a curas milagrosas e fantásticas, sem dúvida para impressionar outros pacientes e motivá-los em busca de cura, e tendo assim escasso valor do ponto de vista médico. Grande número de pacientes, contudo, experimentava melhoras e muitos se consideravam curados.²

Em qualquer caso, e apesar do valor que possam ter atingido os conhecimentos médicos dos sacerdotes de Asclépio e a eficiência terapêutica de sua atuação, o certo é que a iniciação da Medicina científica teve suas bases na escola filosófica e médica da antiga Grécia.²

CONCLUSÃO

É interessante pensar que mesmo numa época antiga, onde não existia tecnologia disponível como hoje, os gregos fizeram grandes progressos não só em relação à ciência como também na Medicina. Sabe-se, por exemplo, que a teoria dos quatro humores na época já não era bem-aceita, mas que sua essência de que o equilíbrio ou desequilíbrio dos humores corporais em relação à saúde ou doença é bem-vista, já que o diagnóstico de uma doença feita atualmente é realizado tirando-se como base um equilíbrio entre os metabólitos do organismo.

REFERÊNCIAS

1. BOTELHO, J. B. **História da Medicina - da abstração à materialidade**. Manaus: Valer, 2004.
2. SOUSA, A. T. de. **Curso de História da Medicina: das origens aos fins do século XVI**. 2.^a ed. Lisboa: Gulbenkian, 1996.
3. CHAUI, M. S. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1999.
4. Resumão feito por Osvaldo Pessoa Jr. dos livros de G. E. R. Lloyd, **Early Greek Science: Thales to Aristotle (EGS)** e **Greek Science after Aristotle (GSA)**. Norton, Nova Iorque, 1970 e

1973, para o curso de Introdução à História da Ciência, do Mestrado em Ensino, História e Filosofia das Ciências, UFBA/UEFS, 2000.

5. Revista eletrônica Graecia Antiqua ISSN 1679-5709 – **Breve introdução à Grécia Antiga** – Wilson A. Ribeiro Jr. Disponível em: <http://greciantiga.org/re/1/v1n1005.pdf>
6. <http://www.wikipedia.org>
7. <http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/Farmacia-e-Historia/node18.html>
8. <http://molimpo2.sites.uol.com.br/asclepio.htm>
9. <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MGAsclep.html>
10. <http://contoselendas.blogspot.com/2004/11/asclpio.html>
11. <http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/simbolo.htm>

ANEXOS

Ilustração 1 – Mapa da Grécia antiga



Fonte: <http://www.greeka.com/greece-maps/ancient-greece-map.htm>

Ilustração 2 – Apolo



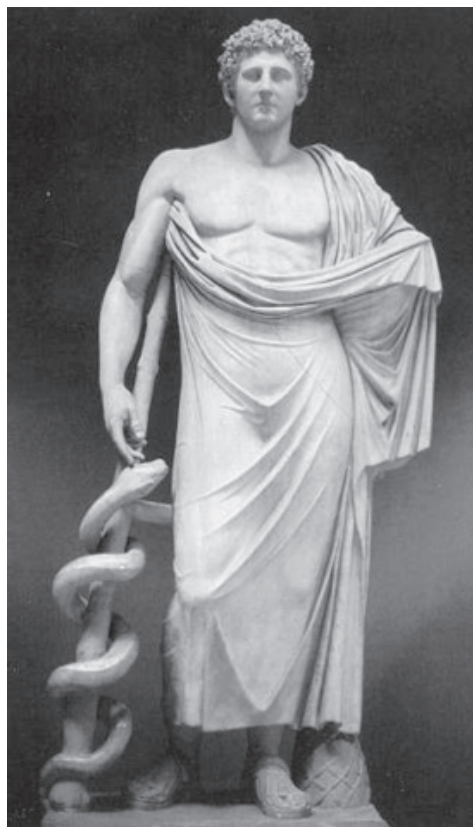
Fonte: <http://www.accionchilena.cl/images/Apolo.gif>

Ilustração 3 – Os quatro humores



Fonte: <http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/temperamento.gif>

Ilustração 4 – Asclépio



Fonte: http://es.geocities.com/el_verbo_crea/dioses/esculapio.jpg

Ilustração 5 – Hígia



Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/higia

Ilustração 6 – *Prática da sangria*



Fonte: www.tiosam.com/enciclopedia/?q=medicina

Ilustração 7 – *Devoto de Asclépio.*



Fonte: <http://www.scielo.br/img/fbpe/hcsm/v6n2/v6n2a9f6.jpg>

Ilustração 8 – *Asclépio cuidando de um paciente.*



Fonte: <http://mural.uv.es/dosagar/griega8.jpg>

Correspondência dos autores:

Contato: E-mail: melkafranco@hotmail.com ou vangelisrebelo@msn.com. Telefones: 9962-6939 ou 8131-9999. Instituição: Ufam – Manaus.